



Universidade  
ESTADUAL DA PARAÍBA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**MARIANA PALMEIRA DOS SANTOS**

**GEOGRAFIA E MÚSICA: uma possibilidade de leitura do cotidiano  
na escola**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

**MARIANA PALMEIRA DOS SANTOS**

**GEOGRAFIA E MÚSICA: uma possibilidade de leitura do cotidiano  
na escola**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Geografia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciado em  
Geografia.

Orientador: Ms. Faustino Moura Neto

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237g Santos, Mariana Palmeira dos.

Geografia e música [manuscrito] : uma possibilidade de leitura do cotidiano na escola / Mariana Palmeira dos Santos. - 2014.

55 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Faustino Moura Neto, Departamento de Geografia".

1. Ensino de Geografia. 2. Instrumento didático. 3. Prática pedagógica. 4. Música. I. Título.

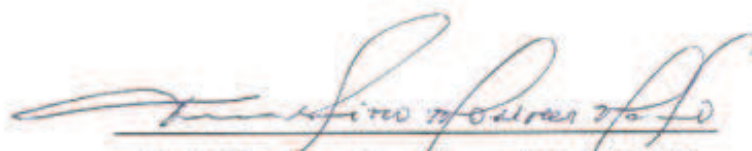
21. ed. CDD 372.891

**MARIANA PALMEIRA DOS SANTOS**

**GEOGRAFIA E MÚSICA: uma possibilidade de leitura do cotidiano  
na escola**

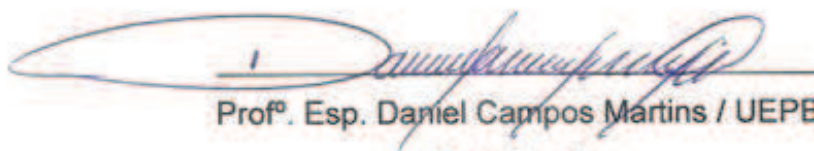
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Geografia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciado em  
Geografia.

Aprovada em 10/03/2014



Profº. Ms. Faustino Moura Neto / UEPB

Orientador



Profº. Esp. Daniel Campos Martins / UEPB

Examinador



Profº. Dra. Joana D'Arc Araújo Ferreira / UEPB

Examinadora

## DEDICATÓRIA

À minha família PALMEIRA, pelos exemplos de honestidade e  
luta que me orgulham.

## AGRADECIMENTOS

- À Deus, por toda sua misericórdia em me sustentar com dias de saúde, força e esperança;
- À minha família por seus gestos explícitos e ocultos de incentivo e confiança na minha realização pessoal, com carinho todo especial aos meus pais: CECILIA, por cada olhar de encorajamento, e INÁCIO com todo seu orgulho silencioso em ver mais um filho conquistando as “letras” que ele nunca aprendeu, e com muito carinho às minhas irmãs VERIDIANA, ADRIANA, LUCIANA, ELIANA E ROSEANA que com palavras e atitudes sempre foram para mim verdadeiras mães, meus irmãos VALDENIO, VALDEMIR, PALMEIRA, CLÁUDIO E MÁRCIO que sempre zelaram minha vida com cuidados e proteção;
- Aos professores, dos meus longos e tão breves quatro anos de curso e com atenção especial ao querido, paciente e incentivador professor FAUSTINO MOURA, por toda colaboração e aos inesquecíveis professores HERMES ALVES, MARÍLIA QUIRINO E JOSSANDA ARAÚJO que ricos de conhecimento e de palavras motivadoras se tornaram para mim belo exemplo de profissionais e que além de muito conhecimento possuem muita dedicação na formação de novos profissionais;

“Existe uma canção que pouco a pouco ajunta o povo  
Existe outra canção que faz o povo celebrar  
E existe uma canção que faz o povo mais irmão  
Por isso e muito mais é que se faz uma canção.” (Padre Zezinho).

## RESUMO

SANTOS, Mariana Palmeira dos. **Geografia e música: uma possibilidade de leitura do cotidiano na escola.** 55 pág. Monografia de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande - PB, 2014.

O ensino de Geografia há muito vem sendo repensado em busca de atingir seus objetivos e os da função social da escola, especialmente na chamada “sociedade do conhecimento”, e por isso anseia por uma nova escola e por um novo jeito de ensinar e aprender, assim o uso de novas e mais diversas linguagens e recursos devem ser difundidos, discutidos e experimentados. Apoiados em discussões teóricas, nas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino básico e na análise de algumas músicas pretende-se discutir e analisar o uso da música como recurso didático nas aulas de Geografia; identificando em suas letras, conteúdos geográficos voltados às temática dos Problemas Sociais Urbanos e relacioná-los com a organização do espaço e da paisagem urbana brasileira. Diante disso, o presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, uma vez que, consta de análise de ideias e de práticas de ensino baseado em resultados obtidos na aplicação de questionários com professores do ensino básico da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho, no município de Alagoa Nova – PB, bem como de análise da letra de algumas músicas em torno da temática de problemas sociais urbanos. Assim, percebeu-se que toda proposta que favoreça as práticas pedagógicas no sentido de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo devem ser expostas. A música se estabelece como recurso dinâmico e repleto de significados que encurtam distancias entre ciência e cotidiano, uma vez que valoriza e aproveita-se do universo dos alunos.

**Palavras-chave:** Geografia, música, ensino.



## ABSTRACT

SANTOS, Mariana Palmeira dos. **Geografia e música: uma possibilidade de leitura do cotidiano na escola**. 55 pág. Monografia de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande - PB, 2014.

The teaching of geography has long been redesigned in pursuit of achieving its objectives and that of the social function of school, especially in the "knowledge society", and so long for a new school and a new way of teaching and learning, so the use of new and more diverse languages and resources shall be disseminated, discussed and experienced. Supported by theoretical discussions, the proposals of Parâmetros Curriculares Nacionais in primary and in the analysis of some songs we intend to discuss and analyze the use of music as a teaching tool in classes of Geography; identifying in their lyrics, geographic content directed to the thematic of the urban and social problems and relate them with the organization of space and the Brazilian urban landscape. Thus, the present study is a qualitative research, since, is formed for analysis of ideas and teaching practices based on results of questionnaires with primary school teachers of the Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho in the city of Alagoa Nova – PB, as well as the analysis of the lyrics of some songs around the theme of urban social problems. Thus, it was noted that any proposal that promotes the teaching practices in order to make the teaching-learning process more meaningful to be exposed. The music establishes itself as dynamic resource and full of meanings that shorten distances between science and everyday life, since values and takes advantage of the universe of the students.

Key-words: Geography, music, teaching.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Paisagem com formação de assentamentos subnormais .....	31
<b>Figura 02:</b> Paisagem com formação de assentamentos subnormais .....	31
<b>Figura 03:</b> Terreno sem uso social .....	32
<b>Figura 04:</b> Trânsito caótico.....	33
<b>Figura 05:</b> Déficit na infraestrutura urbana .....	34
<b>Figura 06:</b> Trabalho informal nos centros urbanos.....	35
<b>Figura 07:</b> Cena de violência urbana .....	35
<b>Figura 08:</b> Acúmulo de lixo nos espaços urbanos.....	36
<b>Figura 09:</b> impermeabilização do solo urbano.....	37
<b>Figura 10:</b> Poluição do ar.....	38
<b>Figura 11</b> Escola onde foram aplicados questionários .....	41
<b>Figura 12:</b> Favela Alagados na periferia de Salvador, Bahia.....	47
<b>Figura 13:</b> Trenchtown, favela da Jamaica.....	47
<b>Figura 14:</b> Cenas de mendicância em ambientes urbanos.....	48

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA E O ENSINO DE GEOGRAFIA</b> .....	13
1.1. A escola como canal de transformação do indivíduo .....	13
1.2. A escola e as práticas pedagógicas .....	15
1.3. A Geografia e a música como linguagem .....	21
<b>2. PROBLEMAS SOCIAIS URBANOS NO BRASIL</b> .....	26
2.1. Algumas considerações sobre a organização do espaço urbano brasileiro .....	26
2.2. Problemas sociais urbanos no Brasil .....	29
<b>3. O USO DA MÚSICA COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA NO ENSINO DE GEOGRAFIA</b> .....	40
3.1. O uso da música por professores da Escola E. E. F. M. Monsenhor José Borges de Carvalho – Alagoa Nova – PB .....	40
3.2. Uma proposta didática para uso de músicas no ensino de Geografia .....	43
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	54
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia há muito vem sendo repensado e recebendo muitas modificações em busca de atingir seus objetivos e os da função social da escola, especialmente na chamada “sociedade do conhecimento”, clama por uma nova escola e por um novo jeito de ensinar e aprender, por isso o uso de novas e mais diversas linguagens e recursos devem ser difundidos, discutidos e experimentados.

A música é um importante recurso, pois está diretamente ligada a identidade social e cultural de grande parte, se não total, clientela escolar, com seus diversos ritmos e gêneros. Ela está presente na história humana desde os primórdios e na cultura brasileira com raízes das influências étnicas do seu período de colonização e do seu processo de miscigenação, colaborado por nativos chamados índios, africanos, europeus e demais imigrantes.

Apoiados em discussões teóricas, nas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino básico e na análise de algumas músicas pretende-se discutir e analisar o uso da música como recurso didático nas aulas de Geografia do ensino básico; discutir analiticamente o processo de urbanização brasileiro e a importância do tema no ensino de Geografia e identificar em letras de músicas os conteúdos geográficos voltados à temática dos Problemas sociais urbanos e relacioná-los com a organização do espaço e da paisagem urbana brasileira. Isto posto ressalta-se a necessidade de discutir e propor a música como instrumento de leitura dos mais variados conteúdos programáticos para o ensino de Geografia, com o intuito de aproveitar esse recurso dinâmico e lúdico no estudo de temas da proposta curricular nacional, que se verificam no contexto social dos alunos a fim de torná-los mais críticos e socialmente ativos de forma mais motivadora.

A proposta metodológica desta pesquisa ressalta a utilização da música no desenvolvimento e reflexão do tema que envolve os problemas sociais urbanos, nas aulas de Geografia, para isso foi realizado levantamento bibliográfico em torno das discussões sobre a função social da escola e sobre as práticas de ensino em geral, e mais especialmente no ensino de Geografia; apresentação de alguns problemas urbanos, aplicação de questionários entre professores da disciplina escolar Geografia e ainda, levantamento e identificação de letras de músicas que compõem

o quadro de elementos da Música Popular Brasileira e que podem ser relacionadas com o espaço urbano.

Quanto à estrutura do trabalho, inicialmente é exposto um breve relato sobre a escola enquanto instrumento de socialização do saber, que supera a mera transmissão de informações para ser formadora de indivíduos capazes de refletir e participar de forma crítica e ativa da transformação da realidade social em que atua e se estabelece. São apresentadas, também, considerações sobre as práticas de ensino da Geografia como disciplina escolar no âmbito da história e da sua institucionalização como ciência e sobre o uso de diferentes estratégias ao seu desenvolvimento na escola utilizando-se de diferentes recursos na perspectiva da Renovação da Geografia que ultrapassa as práticas tradicionais de descrição e memorização de conteúdos.

Em seguida é apresentada a análise de questionários coletados entre cinco (5) professores de Geografia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho – CEPES AVI – Alagoa Nova, integrante da rede pública de ensino estadual, revelando a presença da música como instrumento de interação do cotidiano com conteúdos de Geografia delimitando então o estudo na categoria espaço de conceitos como: cidade, urbano, lugar e paisagem.

Estruturou-se também uma proposta para utilização de letras de músicas nas aulas de Geografia em torno da temática de problemas sociais urbanos para sistematizar a discussão.

Assim, percebeu-se que toda proposta que favoreça as práticas pedagógicas no sentido de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo devem ser expostas. A música se estabelece como recurso dinâmico e mídia repleta de significados que encurtam distâncias entre ciência e cotidiano, uma vez que valoriza e aproveita-se do universo dos alunos para contextualização dos conteúdos geográficos na leitura do cotidiano.

# **1. A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA E O ENSINO DE GEOGRAFIA**

## **1.1. A escola como canal de transformação do indivíduo**

O cenário da atual sociedade corresponde ao resultado de uma longa trajetória histórica da humanidade. Normas, valores, regras, crenças foram estabelecidos gradativamente ao longo do tempo, a exemplo de como as famílias devem ser formadas, o que as mulheres devem vestir e como os homens devem agir; como as crianças devem se comportar, como os professores devem atuar em sala de aula e o que devem ensinar, entre outras.

A escola, por sua vez, se limitava apenas ao repasse de informações pré-estabelecidas pelo sistema vigente, através de recursos invariáveis, lousa e giz, fato que graças à evolução social foram gradativamente perdendo seus históricos espaços na educação. Do antigo sistema, em que o professor era visto como autoridade máxima e incontestada, o dono da verdade – algumas vezes de competência duvidosa – e o carrasco das provas de final de mês, muita coisa está e será mudada para adaptar a educação aos novos elementos tecnológicos e a um novo perfil da criança e do adolescente.

Diante disso, fez-se, então, necessário e indispensável socializar o saber sistematizado, acumulado ao longo da história, como patrimônio universal da humanidade, fazendo com que esse saber fosse criticamente apropriado pelos estudantes, que já trazem consigo o saber popular, o saber do ambiente em que vivem e atuam, bem como redefinir a função social da escola: formar o cidadão. Em outras palavras, construir conhecimentos, atitudes e valores que torne o indivíduo crítico, ético e participativo na conjuntura total da sociedade.

Além disso, pensa-se que a assimilação dos saberes adquirida na escola representa, certamente, um artifício decisivo para o processo de democratização da própria sociedade. Dessa forma a escola é, ao mesmo tempo, reprodução-transformação da realidade histórico-social existente e poderá não apenas contribuir significativamente para a democratização da sociedade, como também ser um lugar privilegiado para o exercício da democracia participativa, para o exercício de uma cidadania consciente e comprometida com os interesses da maioria socialmente excluída ou dos grupos sociais privados dos bens culturais e materiais produzidos pelo trabalho dessa mesma maioria.

Mas para isso, a escola precisa romper com algumas práticas, sobretudo na fragmentação do saber, consequência do processo de desenvolvimento industrial, e redefini-la de modo que deixe de lado as atividades habituais de produção-reprodução. A crítica a esta pedagogia converge para a precisão de se colocar fundamentos estabelecidos pelos recursos tecnológicos do tempo atual, retratando as condições atuais da existência do ser humano, de acordo com suas reais necessidades.

Dessa maneira, a formação para a cidadania implica na compreensão de sociedade do homem como sujeito de relações consigo mesmo, com os outros e com a natureza. A educação deve ser um dos pilares para que o indivíduo adquira uma mudança de consciência individual, social, crítica e transformadora de si e do meio. Para tanto, a escola, que tem a responsabilidade pela formação dos saberes sociais, ou seja, pela educação de cidadãos no contexto, no seu trabalho educativo, deverá ultrapassar sua simples transmissão e, para que isto se concretize, tem a necessidade de analisar sua situação, sua prática e sua história para poder se tornar sujeito de transformação.

Em seus estudos, Bock (2002) esclarece que a formação do indivíduo deve se dar de forma que este também possa contribuir na manutenção da própria instituição e no desenvolvimento social, pois entre escola e cidadão deve haver reciprocidade: Conhecer a sociedade, seus modelos e seus valores é sua tarefa.

Aprender os modelos como sociais (e não como naturais), que respondem às necessidades do momento histórico, que variam no tempo e nos grupos sociais, é tarefa da escola que se pretende crítica. A vida escolar deve estar articulada com a vida social. (BOCK 2002, p. 267)

Pensa-se, então, que na função que realiza, a escola precisa conduzir conhecimentos que defendam a inquietação da realidade, utilizando-se de recursos capazes de proporcionar uma nova forma de realização do trabalho didático, bem como rever e alterar suas estruturas sempre que necessário. Ela precisa ser tencionada para dar um atender ao educando nas suas necessidades culturais, de lazer, e que, a nosso ver, estará suprimindo muitas lacunas deixadas pela família, independente dos motivos. O ato de educar para a cidadania denota transformar o indivíduo passivo num indivíduo participativo nos interesses pessoais e sociais.

Nessa perspectiva, consideremos as palavras de Paulo Freire (1996) acerca do papel da escola ao afirmar: “Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.” (p.54). Dessa forma, é possível entender que a escola deve desenvolver ações que possibilite o sujeito desenvolver autonomia, habilidades e competências de se construir um indivíduo histórico, para que se tenha uma sociedade, progressista e crescente.

Por fim, entende-se que as mudanças são necessárias e urgentes. Contudo, elas não podem ser impostas, mas construídas cotidianamente com diálogo, comparação entre opiniões e conhecimentos num processo contínuo e recíproco.

## **1.2. A escola e as práticas pedagógicas**

Ao recorrer à História, lembra-se que os primeiros passos de mudanças efetivas na educação contemporânea surgiram a partir das décadas de 1960 e 1970 do século passado, quando os educadores apontaram para a necessidade de o estudante ser um indivíduo ativo no processo da educação, ou seja, que não ficasse apenas como agente receptor de informação. Surgiram novas propostas pedagógicas apoiadas em ideias de Jean Piaget e Paulo Freire, dentre outros.

Mais tarde, surge uma nova geração com um novo perfil comportamental exigindo da escola uma nova postura educacional. A escola e a sala de aula passam, ou deveriam p

assar, a ser uma estrutura voltada para a formação do caráter e da cultura geral do estudante. Isso se faz necessário devido à educação doméstica, antes atribuída exclusivamente à mulher, a qual hoje também ocupa o mercado de trabalho ao lado do pai, diminuindo seu contato com os filhos. Quando, enfim, estão juntos, os pais ou evitam impor algumas regras básicas, ou não podem mais sozinhos preparar os filhos para as exigências sociais, fazendo com que o aluno, na escola, tenha dificuldades em perceber seus limites de ação em sociedade. Em torno dessa assertiva, Bock (2002) declara que:

Era preciso entregar essa função a uma instituição que soubesse educar, não mais para a vida privada (...), mas para o trabalho que



se encontrava no âmbito da vida pública, cujas regras, leis e rotinas iam além dos conhecimentos adquiridos pela família. (BOCK 2002, p.262)

O desafio maior para o docente é tornar suas aulas mais atrativas de modo a prender a atenção do educando nos conteúdos ministrados, sobretudo quando se trata de disciplinas isoladas. As aulas de Geografia, por exemplo, durante muito tempo eram transmitidas tradicionalmente partindo apenas de observações e descrições de paisagens naturais. E quando muito, se destacava o livro como sendo o único referencial didático utilizado nas aulas. Entretanto, ao ensinar Geografia o educador deve permitir que o aluno se perceba como participante do espaço e que ele também é o agente modificador desse espaço. Para Kaercher (2003):

Os espaços são desiguais e isso não deve ser visto como obra apenas da natureza. Compreender as desigualdades sociais e espaciais é uma das grandes tarefas dos geógrafos educadores para que a nossa ciência instrumentalize as pessoas a uma leitura mais crítica e menos ingênua do mundo, que desemboque numa maior participação política dos cidadãos a fim de que possamos ajudar a construir espaços mais justos e um homem mais solidário e tolerante com o outro (KAERCHER, 2003, p.172).

Assim, o educador não precisa ser apenas inteligente, mas também criativo se quiser alcançar dos alunos os objetos almejados ao planejar e ministrar suas aulas. É graças a essa criatividade e ao despertar para o novo que muitas mudanças foram sentidas, principalmente, com o surgimento das escolas geográficas que passaram a refletir sobre os conceitos de geografia e da importância e necessidade de repensar as implicações no ensino da referida disciplina, embora sempre destacando em seu discurso a natureza. Tais inovações e reflexões não se referiam apenas aos métodos de abordagens utilizadas, mas também em relação ao grande valor educativo dos conteúdos e temas a serem trabalhados.

Assim, a divulgação de experiências educacionais e produção de material de apoio às atividades dos professores utilizando diferentes recursos didáticos se tornam de grande urgente precisão. Sobre essa questão, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia procuram auxiliar o professor propondo uma ação pedagógica que aponte para a ampliação das capacidades dos alunos, de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em

que vivem e de diferentes paisagens geográficas, bem como perceber e apreender o espaço como uma dimensão de prática social cotidiana, é neste momento então que se deve observar e as experiências trazidas pelos alunos desse cotidiano para correlacionar ao conhecimento científico a ser transmitido pelo professor.

Se isso acontece, se confirma o que argumenta Cavalcanti (2002, p. 73) de a Geografia na escola em ser “uma construção social e histórica, ela não é natural, nem são naturais os conteúdos por ela trabalhados”.

Contudo, compreender os diferentes contextos sociais e desmistificar os estereótipos correspondentes ao ensino de Geografia, bem como entender o porquê de os alunos não se sentirem atraídos pelas aulas ministradas é uma tarefa um tanto desafiadora pois, apresentam-se cotidianamente turmas desanimadas e cansadas das aulas monótonas e sem criatividade, apoiadas apenas em manuais didáticos e as antigas práticas do ensino de Geografia: a memorização de nomes de países, capitais e rios.

Dessa maneira, é relevante propor uma metodologia de leitura do cotidiano utilizando-se da música como recurso didático sedutor, facilitador e enriquecedor no processo de aquisição da aprendizagem, a Geografia ocupe um novo lugar no espaço educacional, à medida que o educando se sinta motivado em participar ativamente dessas aulas. Para tanto, é preciso que o professor rompa com antigos paradigmas e adote uma postura capaz de despertar no aluno um indivíduo com inúmeras possibilidades de expressão diante das mudanças sociais.

As canções, assim como os jogos, filmes, ou outros materiais hoje oferecidos pela mídia, além de servirem como elemento de ligação para a aprendizagem do léxico, que amplia e traz à tona uma bagagem cultural dos alunos e se fazem investigadores da memória e do emocional, possibilitando o desenvolvimento harmonioso entre o físico e o mental, ao mesmo tempo em que ajudam a manter o relacionamento interpessoal dos grupos. Mesquita (1994) *op cit* VIANA (2000) corrobora afirmando que as canções nos remetem a espaços sociais que podem ser lugares e através de suas letras “é possível desvelar todo o universo social construído através do imaginário coletivo da sociedade, que nos auxilia a melhor compreender quem somos no contexto de nossa contemporaneidade e do passado recente de que fomos partícipes”.

Além disso, ainda podemos compreender determinados comportamentos do aluno, suas reações diante da disciplina, ou do professor ou até mesmo da

sociedade, pois ele pode se apropriar das canções para relatar algumas de suas experiências cotidianas, as quais se fizeram marcantes através de uma determinada música.

É bem verdade que o processo de aprendizagem é sempre uma ação complexa, pois as variantes intrínsecas em que se desenvolve abrangem o próprio aluno, cabendo ao professor analisar as necessidades básicas de cada um e tentar solucioná-las através de aulas que se configuram como atividades construtivas e criativas, capazes de ampliar horizontes, de tal forma que qualquer tipo de atividade possa ser direcionada para o ensino/aprendizagem, desde que esta leve ao objetivo que se quer alcançar. Objetivo esse que não seja somente um ocioso jogo verbal ou uma inútil diversão, pois nenhuma metodologia utilizada para o ensino é inadequada, quando esta se transforma num pressuposto de verdadeiro diálogo educativo, isto é, de indagação, de aprofundamento de interesses.

A música, por exemplo, é a expressão artística mais significativa e por que não dizer a mais próxima do cotidiano das sociedades. Ela é elemento de grande diversidade e no cenário nacional a música ganha espaço como elemento de identidade social e cultural.

A música é um veículo de expressão que atinge as pessoas maciçamente, especialmente os jovens, (...). É possível estudar nosso cotidiano através de letras de músicas populares que os jovens estão habituados a ouvir estabelecendo relações sociais e espaciais a partir delas. (VIANA, 2000).

O universo do processo de ensino-aprendizagem, especificamente o universo da salas de aula, representa o desafio de fazer educação, tendo em vista uma formação plena do aluno como maior objetivo e numa constante preocupação de correlacionar o conhecimento científico às suas experiências e elementos do cotidiano. Assim, o professor deverá perceber que muito se tem feito para o avanço, para o tornar da aprendizagem mais atrativa, menos repetitiva e com resultados mais ativos. Portanto, muitos deverão ser os recursos didáticos para alcançar os objetivos deste universo, na produção do conhecimento dentro do processo pedagógico. Zabala (1997), citado por PCN (2001), ressalta sua preocupação no que se refere à organização das aulas e a exploração dos conteúdos, criando situações de dinamismo na produção de conhecimento pelos alunos a partir de diversificados recursos;

Os materiais curriculares serão mais ou menos eficazes à medida que permitam diferentes graus de leituras ou utilização. Isso justifica que esses recursos sejam os mais diversificáveis possíveis, que ofereçam múltiplas possibilidades de utilização em função das necessidades de cada situação e momento. (PCN, 2001, p. 134).

Diante das propostas metodológicas capazes de estimular aprendizados enuncia-se que, a Geografia, ao longo de sua institucionalização como ciência no final do século XIX passou por transformações teórico-metodológicas, percebendo enfim que uma Geografia Crítica tornaria possível às análises das interações entre as ações humanas e o espaço geográfico, seja na escala das paisagens ou na dos lugares.

O ensino de geografia tendo passado pela fundamentação positivista - a Geografia Tradicional - exhibe ainda hoje vestígios desta herança, onde o processo de construção do saber geográfico se limitava às descrições como único procedimento de análise de fenômenos e eventos.

Historicamente, é possível observar o processo pedagógico da geografia como disciplina escolar no Brasil e no mundo. Durante muito tempo os estudos e a função da Geografia estiveram restritos à descrição, numeração e registro de nomes de rios, mares e espaços físicos. Tal estratégia consolidou-se nas práticas pedagógicas desta ciência na escola. Diante disso é que se percebeu a necessidade de pensar a geografia sob outro ângulo – o da Ciência – conforme conceito dado por Ferreira e Simões (1986) de que, a Ciência trata da composição de várias outras ciências, as quais estão configuradas pelo alargamento do conhecimento de forma específica e autônoma facilitando o estudo e análise científica com uma maior minuciosidade. Foi então que, a partir do século XIX a Geografia passou a ser vista como ciência. Contudo, o conhecimento geográfico já se encontrava inserido na vida humana através do saber cultural, nascido das experiências cotidianas, conforme relata Andrade (1987);

(...) conhecimento geográfico é uma aplicação da geografia desde a pré-história; (...) que foram expandindo-se à proporção que a civilização foi desenvolvendo-se e aumentando sua capacidade de dominar e modificara natureza para melhor desfrutar dos recursos nela disponíveis. (ANDRADE, 1987, p. 11).

No Brasil a institucionalização da Geografia acontece com a Revolução de 1930, no entanto os jesuítas do período colonial que aqui estavam como professores, já repassavam informações geográficas aos colonos. E mesmo durante o período do Império a Geografia ensinada era praticada como processo descritivo e de memorização o qual não condizia com a realidade dos estudantes. Sobre esta prática, notamos que:

(...) o ensino da geografia manteve-se quase que inalterado em suas características principais (...). Praticou-se durante todo o período a geografia escolar de nítida orientação clássica, ou seja, a geografia descritiva, mnemônica, enciclopédica distante da realidade do (a) aluno (a). (ROCHA, 2000, p. 129)

Mesmo no período Pós-Revolução de 1930, no nível superior, o ensino de Geografia mantinha o mesmo padrão primitivo do Império, modificando-se apenas a partir da fundação das universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Enfim, é neste contexto histórico que se encontra a possibilidade de enxergar em que base está vinculada a prática pedagógica de Geografia, no atual ensino Fundamental e Médio, os quais devem ser garantidos pelo Estado. Para tanto, justifica-se a característica atribuída à Geografia enquanto disciplina escolar de “decoreba e enfadonha” que não motiva o aluno a compreender seus debates, discussões e análises, nem formá-lo enquanto cidadão capaz de observar, pensar e formar opiniões por si só. A proposta da Geografia é, pois viabilizar a apreensão do conhecimento acerca do espaço com seus sistemas de ações e de objetos, uma vez que durante muito tempo, como afirma Souza Neto, viveu um isolamento intelectual e ainda ressaltando que:

As razões possíveis estão no fato de que à medida que a Geografia se constituía como disciplina escolar e prática científica no Brasil, o seu papel fundamental foi o de instrumentalizar de um lado a sanha expansionista das elites dominantes e de outro disseminar por meio da escola, as diversas ideologias geográficas necessárias à construção de uma identidade nacional natural, aistórica. (SOUZA NETO, 2000, p. 130).

No contexto histórico de formação dos Estados-Nações da Europa atribuiu-se à escola o meio pelo qual seria possível disseminar os valores particulares do novo

sistema econômico e da classe em ascensão, sem que para isso fosse necessário o uso de armas e violência, dessa forma:

Pode-se afirmar que a ideologia do nacionalismo patriótico encontra-se na base desta escolarização na medida em que a burguesia através de seus intelectuais, só defendeu a escolarização como um direito de todos e um dever do Estado quando conquistou o poder político, o que assinala a vinculação entre o saber e o poder. (VLACH, 1989, P.40)

A partir de então, a escola funciona como instrumento de dominação da sociedade para serem treinados a difundir os valores do sistema capitalista que age contrapondo-se a ideia de disseminação do conhecimento que conduza a cidadania e às mudanças sociais. Com isso atribui-se à escola uma função social, sabendo que durante o período de formação dos Estados ela foi usada como estratégia para reproduzir a sociedade capitalista, tendo o ensino técnico como prioridade, tão importante para a divisão do trabalho.

No entanto, a escola na sociedade moderna não torna possível o desenvolvimento do capitalismo, sem uma força de trabalho cada vez mais escolarizada capaz de acompanhar as inovações tecnológicas. A escolaridade não deve ser fundamentada, tão somente no ensino técnico (no sentido de treinamento), mas também num ensino que conduza as pessoas a pensar por conta própria, de forma crítica, como é proposta da nova Geografia de caráter investigativo e interdisciplinar, nesse sentido, é interessante informar que:

Nos Estados Unidos, onde paradoxalmente a Geografia como disciplina escolar havia sido abolida durante cerca de três décadas no apogeu da revolução industrial e do fordismo, mostra nesta virada de século uma tendência de revalorizar esse ensino. Além do aumento da carga horária da geografia escolar, (...) estudantes e professores norte-americanos fazem estágios e cursos no exterior (...), preocupados essencialmente com a renovação escolar da geografia. (VESENTINI, 1998, p. 21).

Diante deste exemplo, verifica-se que as transformações ocorridas no ensino de Geografia e a necessidade de apreensão de todo conhecimento por ele proporcionado é indispensável para o estudo das relações em torno das interações

sócioespaciais, devem acompanhar as aulas de Geografia em busca da educação libertadora.

### **1.3. A Geografia e a música como linguagem**

Cada vez mais a linguagem cultural inclui o uso de diferentes tecnologias, a comunicação e informação para produzir processos comunicativos, por meio de diferentes códigos de significação (novas maneiras de se expressar e se relacionar). Além dos meios gráficos, há inúmeros meios audiovisuais e multimídias, que apresentam informações diversificadas, permitem a socialização do conhecimento e novas formas de comunicação (PCN, 1998 p. 141).

A linguagem musical é dotada de grande e excepcional capacidade de diálogo, por assim dizer, com os mais distintos elementos da vida, do mundo e da sociedade.

A utilização da música como linguagem e como recurso para o ensino de conteúdos específicos em Geografia, proporciona ao aluno uma leitura diversificada e possibilita questionamentos e interpretações ao mesmo tempo em que aproxima da sua realidade vivida. Por meio do elemento música, que está presente em todas as esferas da sociedade, as discussões são favorecidas também, em torno das interações com o espaço geográfico, conforme se observa na fundamentação teórico-metodológica da Geografia em categorias e nas interações SOCIEDADE/NATUREZA e ESPAÇO/TEMPO.

No entanto, a utilização da música como recurso didático não deve permanecer no uso desconectado dos objetivos postos no planejamento e da realidade de seu público, como sendo um simples acessório ou um instrumento de se “fazer uma aula diferente”, contudo, não passando da prática de levar um aparelho de CD para que os alunos escutem alguma música proposta e depois a utilizem como assunto do dia, para o relatório e etc. e que por vezes se mostra desvinculada do conjunto de atividades que vinham sendo realizadas, porém estas são as mais comuns metodologias desenvolvidas nas aulas de Geografia quando dispostas do recurso música.

No entanto, é neste contexto que o professor deve inserir no seu trabalho o estudo das categorias que fundamentam e tornam muito relevantes o trabalho da

Geografia bem como as suas dimensões de análise (tempo, cultura, sociedade, meio ambiente, poder, relações econômicas e etc.).

O trabalho com música é sem dúvida instrumento privilegiado de dinamismo e novidade, de sensibilidade, de desenvolvimento do raciocínio lógico, que envolve todas as idades e realidades sociais vem sendo debatido e experimentado em muitos lugares através dos mais diversos projetos, experimentados até mesmo como objeto de terapia. A cada passo novas experiências podem enriquecer a educação e superar desafios.

Nesta perspectiva, a música apresenta a possibilidade de desenvolver atividades mais que instrumento de diversão na aula de Geografia, ela permite o desenvolvimento de projetos interdisciplinares com atividades artísticas, de relaxamento, denúncia e constatação de problemas sociais, econômicos e ambientais, neste sentido a categoria *paisagem* pode ser explorada.

Tendo em vista as orientações curriculares propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, há músicas que permitem a leitura da paisagem quando correlacionadas aos temas:

- Movimentos migratórios;
- Movimentos socioculturais e étnicos;
- Novas identidades territoriais;
- Estrutura e dinâmica dos espaços urbanos;
- Modo de vida nas cidades;
- Geografia urbana mundial.

Considerando que as maiores e mais significativas transformações da natureza são advindas destes processos e como consequência a vida na cidade embora demonstre aumento na oferta de bens e serviços não estão acessíveis para todos de forma igualitária, tornado assim a vida de muitos com condições precárias e ameaçadas. Nesse contexto, pode-se destacar o estudo das categorias paisagem, território e região.

Nas atividades de leitura da paisagem, o elemento música se apresenta como instrumento que favorece a aquisição de informações ao que já se sabe da temática, pois instiga a produção de imagens e visualização de elementos que dela fazem parte através da descrição de seus elementos e observação de relações, que vão



sendo percebidas e compreendidas a partir de seus processos histórico-sociais transformações, nisto consiste o diferencial de estudo da paisagem pela ciência geográfica: permiti-se a descrição da paisagem através de seus elementos visíveis, porém acompanhadas de observação do que significa a presença de tais elementos, conforme nos aponta as orientações dos PCN's quando trata do processo de leitura da paisagem:

A leitura da paisagem mediante a identificação de suas estruturas auxilia também a perceber que muitos problemas enfrentados no bairro, na cidade, no município e em outras paisagens são resultados de ações. Quando se compara uma paisagem rural de agricultura comercial em confronto com outra de agricultura ecológica, rios poluídos ou não, grandes e pequenas cidades pode-se ver e avaliar os resultados dessas ações, pois são impressos na paisagem. (PCN 1998, p. 137.)

Bem como, quando se trata do processo de descrição e observação como procedimentos do processo de apreensão do conhecimento geográfico, ainda relatado pelos PCN's:

A descrição é fundamental, porque a paisagem não é experimental, e sim visual. Assim, as excursões de reconhecimento, o uso das imagens aéreas, das fotografias comuns, das imagens cotidianas da televisão, dos mapas etc. são recursos que podem ajudar o professor. (...), sistematizando, assim, a observação. (PCN 1998, p. 137.)

O desafio de desenvolver uma boa aula não atinge apenas o ensino de Geografia, estudos e pesquisas sobre procedimentos, não representam técnicas infalíveis para o processo de conhecimento repassado pelo professor. Mas devem ser observadas como proposta metodológica de ensino, como atividades que valorizem as práticas nas aulas e que devem ser incrementadas por cada professor de acordo com os seus objetivos, conteúdos, necessidades e criatividade.

Ao delimitar-se a música como instrumento e meio viável à construção do conhecimento no ensino escolar, é importante destacar a possibilidade de realizar uma associação deste instrumento com a Geografia que deve ser vista como elemento do cotidiano e ainda compreendê-la como:

(...) relevância social, ou seja, é a possibilidade de esse saber contribuir para a formação de cidadãos. Sua presença no currículo deve-se à necessidade que têm os alunos de apreender o espaço como dimensão da prática social cotidiana (...) por isso ela é estudada na escola". (CAVALCANTI, 2002, p. 74).

Assim, na parte seguinte desse trabalho será apresentado um recorte da urbanização brasileira, identificando seus problemas que fazem parte do cotidiano de suas populações enquanto participantes dos eventos econômicos e modos de vida nos espaços urbanos.

## 2. PROBLEMAS SOCIAIS URBANOS NO BRASIL

### 2.1. Algumas considerações sobre a organização do espaço urbano brasileiro

A urbanização deve ser entendida como um processo que resulta em especial da transferência de pessoas do campo para a cidade, ou seja, crescimento da população urbana em decorrência do êxodo rural. Um espaço pode ser considerado urbanizado, a partir do momento em que o percentual de população urbana for superior ao rural. Nesse sentido não se deve confundir urbanização com crescimento urbano. O primeiro ocorre em decorrência do êxodo rural, o segundo pode ocorrer em função do crescimento natural da população de uma cidade.

A representação estatística da demografia brasileira mais recente, avaliada no Censo 2010, mostra aumento na concentração populacional na área urbana. Em 2000<sup>1</sup>, 81% dos brasileiros viviam em áreas urbanas, em 2010<sup>2</sup> agora são 84% (IBGE, 2010). No entanto, é importante destacar que não é apenas o processo de mecanização do campo que provoca a saída do seu contingente populacional, há também uma relação entre os ritmos de criação de emprego, o crescimento demográfico, e ainda, as ausentes ou ineficientes políticas de planejamento urbano. Como resultado desse desnível o espaço urbano passa a configurar novos elementos e novas características em suas paisagens e estruturas, originando assim problemas urbanos setoriais.

Diante dessa realidade, verificou-se que o problema em absorver os fluxos demográficos também foi colaborado pela insuficiência ou mesmo inexistência de planejamento urbano, dando origem assim, a uma nova aparência na estrutura das paisagens no plano das desigualdades e contrastes sócio-espaciais observados nas estruturas e formas de produzir e/ou consumir esses espaços, percepção que Carlos (2007) também destaca em seus estudos sobre a dinâmica do espaço urbano:

O primeiro aspecto que chama a atenção quando se observa a paisagem urbana é o choque dos contrastes, das diferenças. Contrastes de tipo e diversidade de utilização da cidade: usos do solo. (CARLOS, 2007, p. 40).

---

<sup>1</sup> Total da população brasileira em 2000: 169.799.170

<sup>2</sup> Total da população brasileira em 2010: 190.732.694

Sendo assim, já se afirma que hoje o espaço mundial é predominantemente urbano. Mais de 50% da população mundial reside em espaços urbanos. Mas isso não foi sempre assim, como nos aponta o recorte histórico mundial em que durante muito tempo à população rural foi superior a urbana, essa mudança se deve em especial ao processo de industrialização iniciado no século XVIII, que impulsionou o êxodo rural nos locais em que se deu, primeiramente na Inglaterra, que foi o primeiro país a se industrializar, e depois se expandiu para outros países, como os EUA, França, Alemanha e demais países desenvolvidos, a maioria desses países é hoje bastante urbanizada.

Nos países subdesenvolvidos o processo de industrialização, só começou no século XX, em especial a partir da Segunda Guerra Mundial, e tem se dado até hoje de forma muito acelerada, o que tem se configurado como urbanização anômala<sup>3</sup>, trazendo uma série de consequências indesejadas para o espaço urbano desses países. Atualmente, até mesmo os países de industrialização com menor expressividade vivem um intenso movimento de urbanização.

A partir dessas considerações iniciais e tendo em vista outros aspectos relacionados com o processo de urbanização, pode-se concluir:

1. Não basta existir cidades para que ocorra o processo de urbanização. No Brasil, por exemplo, existem cidades desde o século XVI, contudo, o processo de urbanização só ocorre a partir do século XX;
2. Afirma-se que ocorreu uma urbanização normal nos países em que este processo foi resultado da industrialização. Na maioria dos países subdesenvolvidos esse fenômeno da urbanização é considerado anormal, pois ocorre sem que haja uma industrialização;
3. Considerando-a como um processo histórico, a urbanização tem começo e fim. Em alguns países desenvolvidos este processo já foi conduzido ao seu limite, podendo ser considerado como encerrado.

---

<sup>3</sup> Anômalo [Do gr. *anómalos*, pelo lat. *anomaly*.] Adjetivo. 1. Que apresenta anomalia; irregular, anormal

Nas metrópoles dos países desenvolvidos os problemas urbanos como violência, trânsito caótico, déficit habitacional e outros também estão presentes, porém em intensidade bem menor do que nos países subdesenvolvidos.

Diante disso, algumas considerações sobre problemas sociais presentes no ambiente urbano serão apresentadas a seguir, para serem posteriormente correlacionadas com as discussões de fins didáticos.

## **2.2. Problemas sociais urbanos no Brasil**

O Brasil há muito possui regulamentação para a organização urbana, pois dedica um capítulo de sua Constituição para as políticas de desenvolvimento urbano, onde no capítulo II em seu art. 182, do Título VII da ordem econômica e financeira, nos aponta que:

Art. 182. A política de desenvolvimento urbano, executada pelo Poder Público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes.

E ainda estabeleceu a criação do Ministério das Cidades, em 1º de janeiro de 2003, a fim de programar políticas de interação dos principais projetos que dão condições favoráveis à vida no espaço urbano.

No Brasil, o processo de urbanização e o conseqüente crescimento das cidades, em particular as grandes cidades e as cidades de porte médio, têm sido marcados, dentre outras conseqüências, por uma série de problemas ambientais urbanos. Os problemas ambientais urbanos são problemas que afetam a qualidade de vida da maioria de seus habitantes, notadamente os mais pobres, representando grandes desafios para os poderes governamentais nas diferentes escalas. Estes problemas resultam do rápido e desorganizado crescimento das cidades brasileiras, da concentração de renda, da ausência de políticas públicas, no passado, que priorizassem a esfera social, entre outros.

A urbanização desordenada, quase sempre impede que municípios gerenciem as necessidades urbanas e sociais básicas do seu contingente populacional. Com isso, uma série de problemas sociais e ambientais passa a delinear a estrutura dos espaços urbanos e geográficos, dentre eles destacam-se

problemas relacionados à habitação, transporte coletivo e trânsito, violência e mendicância, perda e/ou ausência de áreas verdes, depredação de ambientes públicos, desemprego entre outros.

Dentre os problemas socioambientais urbanos, mais comuns entre grandes e médias cidades brasileiras é possível elencar, e aqui a ordem apresentada não aduz qualquer dado estatístico ou nível de relevância, apenas simples citação:

**1. Déficit habitacional;**

Quando há intensa migração para as cidades, impulsionados pelos mais diversos motivos, há sempre uma expectativa de melhores condições de vida com mais oportunidades de emprego, estudo, saúde, conforto. No entanto, muitos desses migrantes se defrontam com subemprego e até mesmo desemprego, enfrentando graves dificuldades para custear habitação, alimentação, acesso e consumo de serviços dos bairros centrais. A partir disso, surgem as formações de assentamentos subnormais - os aglomerados humanos distantes dos centros urbanos - sem planejamento de lotes e ruas, sem regularização de terrenos, sem condições na estrutura e qualidade das construções, conforme ilustradas pelas **Figuras 1 e 2**; e a ocupação de áreas susceptíveis a movimento de massa envolvendo solos e rochas, as conhecidas áreas de encostas, que acabam por abrigar a desordenada expansão urbana.

Além da ausência desses fatores, é perceptível a falta de condições sanitárias, o não respeito às regras de segurança para as instalações elétricas e ventilação gerando, então, dificuldades infraestruturais para os serviços de saúde (construção de postos de saúde), de segurança (implantação de delegacias), de educação (construção de creches e escolas). Cresce, também, o isolamento desses setores em relação à aquisição de imóveis, no custo para transporte, alimentação, remédios, roupas, entre outros, favorecendo o desenvolvimento de atividades ilegais e crescimento da criminalidade nessas áreas.

**Figura1:** Paisagem com formação de assentamentos subnormais **Figura2:** Paisagem com formação de assentamentos subnormais



Disponível em;  
<http://enpresso.com.br/2011/01/para-derrotar-a-pobreza-pague-os-pobres/>



Disponível em:  
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG74140-6009-417,00.html>

## 2. Forte especulação imobiliária;

Fato que pode ser observado pela grande quantidade de terrenos sem uso social, localizados no perímetro urbano.

Com a construção de áreas comerciais, como shoppings, condomínios e residenciais de luxo essas áreas vão adquirindo para si valores cada vez mais altos limitando o acesso imobiliário a um restrito grupo de pessoas de maior poder econômico e por consequência afasta a população trabalhadora com menor poder econômico para as periferias, cada vez mais distantes das áreas centrais, revelando assim a segregação socioespacial e a definição dos lugares no espaço urbano mediante a lógica da acumulação de capital proposta pelo modo de produção capitalista.

No entanto, desse fator de desocupação também advêm das possibilidades de nessas áreas ocorrerem formação de lixões e consequentemente contaminação do solo, proliferação de endemias, pondo em risco assim a saúde da população residente nas proximidades do local, além de proporcionar a apropriação por aglomerados humanos sem residência, conforme ilustra a Figura 3.

**Figura 3:** Terreno sem uso social



Disponível em: <http://www.clicheje.com.br/?open=eJyzL0i3zcsvyUzOTFRLzk%2FJTM%2B3NTYzMzYBAG4CBk%3D&&.htm>

### **3. Trânsito caótico e superlotação dos transportes coletivos;**

Partindo do que nos conta a história, o auge da indústria automobilística, no século XX e os interesses do ponto de vista econômico e social, colaborou para aumento na geração de emprego, na quantidade de impostos recolhidos pelo governo e do ponto de vista social criou-se a expectativa de resolução de problemas com uso do automóvel de forma individual. Esses são fatos históricos que contribuíram, e ainda hoje contribuem, para o agravamento da qualidade dos serviços de transporte público.

A falta de organização, planejamento e estrutura que garantam boa qualidade no serviço do transporte coletivo e a limitação desse tipo de transporte ser realizado quase que exclusivamente pelas empresas privadas de ônibus não representa eficiência e segurança no deslocamento da população. Com isso, os problemas são evidentes quando se refere à qualidade de vida e aos custos orçamentários do país e, em especial da população que é atingida pelas elevações constantes nas tarifas cobradas, consequências do encarecimento no transporte de mercadorias, desperdício de combustíveis, perda de tempo produtivo, redução de período de descanso e lazer do trabalhador, produção de poluição sonora e do ar,



bem como o aumento no nível de estresse urbano. Assim, os resultados são os constantes engarrafamentos, como ilustrado pela figura 4.

O trânsito transformou-se num dos mais presentes agentes dos problemas urbanos com a poluição sonora e do ar, congestionamentos e estresse que contribuem para elevar os índices de violência, acidentes e mortes.

**Figura 4:** Trânsito caótico



Disponível em: <http://www.mundodanet.com/o-transito-caotico-na-cidade-de-sao-paulo/>

#### 4. Déficit na infraestrutura urbana:

Marcada pelo elevado número de residências sem acesso a rede de esgotos e rua sem pavimentação. Embora haja aumento nas áreas abrangidas por esses serviços, esse fato não acompanha o rápido crescimento da mancha urbana, ou áreas construídas que por vezes são realizadas em áreas de risco, susceptíveis a desabamentos e enchentes, mais uma vez a saúde populacional e danos ambientais apresentam elevados índices de risco; populacional quando se constata o aumento nos índices de contaminações por doenças de cunho sanitário como a falta de rede de esgoto e de abastecimento para o acesso à água limpa, pavimentação com drenagem para as águas pluviais e danos ambientais com o aumento das construções em áreas de mananciais e matas, contaminação do solo, dos lençóis freáticos e dos rios pelos lixos e detritos lançados. A figura 5 ilustra construções na área urbana desprovida de qualquer planejamento na infraestrutura básica, expondo uma situação favorável a alagamentos e contaminações.

**Figura 5:** Déficit na infraestrutura urbana



Disponível em: <http://www.sudoestehoje.com.br/novoportal/2011/08/15/prioridade-zero-2/>

**5.** Presença de um elevado número de trabalhos informais nos centros e subcentros urbanos; na realidade a definição de trabalho informal contempla duas perspectivas: como questão de sobrevivência e como opção de vida. Porém consideradas como informais quando relacionadas à ligação com a legislação trabalhista, em geral representam a população submetida à falta de condições de absorção da mão de obra trazida pelas migrações. O trabalho informal nas cidades, na perspectiva de sobrevivência tem sido a alternativa de vida de muitos habitantes desse espaço, pois muitas vezes o grau de escolaridade torna-se requisito para as contratações empregatícias formais. A prestação de serviços informais é representada, entre outras, pelas atividades presentes nos centros urbanos com a venda de produtos nas feiras livres ou calçadas, conforme ilustração da figura 6, no entanto, abre possibilidade para o mercado de produtos contrabandeados, nisto consiste o fator agravante dessas práticas.

**Figura 6:** Trabalho informal nos centros urbanos



Disponível em: <http://tricolours2.blogspot.com/2009/10/brasil-possui-19-milhoes-de.html>

6. Elevados e crescentes índices de criminalidade, fato que dissemina o medo no cotidiano dos residentes urbanos, como fruto da desocupação de pessoas, sejam eles jovens ou adultos atores de assassinatos, roubos, furtos, raptos, seqüestros, as violências sexuais e homofóbicas, o tráfico de drogas, e ainda, acidentes, roubos e assassinatos no trânsito, as práticas de mendicância que além de um problema social se convertem em práticas de pequenos delitos e oportunidades para agressões à crianças, idosos e pedestres com mais freqüência. A figura 7 ilustra práticas de violência no cotidiano urbano.

**Figura 7:** Cena de violência urbana



Disponível em: <http://trancanago.blogspot.com/2011/04/ser-negro-na-zona-sul-do-rio.html>

7. Destinação inadequada da maior parte dos resíduos sólidos, com o crescimento populacional das áreas urbanas cresce também a produção de lixo e acompanhando tal fato também está para a falta de tratamento e o destino que a ele se dá, com isso surge um grande problema, não apresenta solução apenas transportá-lo da área urbana para uma área rural ou simplesmente afastada da cidade e sim o destino final para que não haja comprometimento da saúde dos solos e águas, bem como da saúde humana. O acúmulo de lixo nos espaços urbanos provoca a contaminação de todo o ambiente e não só da água, mas de terrenos que por ventura venham a ser utilizados para plantações e nas ruas, podendo ainda ocorrer proliferação de transmissores de doenças, aumentando assim as incidências de problemas de saúde e até epidemias, além de contribuir com as enchentes quando esse mesmo lixo é acumulado nas ruas. Este problema se agrava quando se associa à falta de limpeza urbana e de coleta em algumas localidades deste espaço em virtude das impossibilidades de acesso, como no caso das aglomerações de assentamentos subnormais até então chamados favelas.

**Figura 8:** Acúmulo de lixo nos espaços urbanos



Disponível em: <http://www.ivalinogarcia.com.br/ilhas.html>

8. Impermeabilização do solo urbano e ausência das galerias pluviais, sem dúvida, calçadas e asfaltos são sinais de urbanização e estruturam os aspectos dos espaços urbanos, porém, impermeabilizam o solo. Além disso, compromete o curso de rios naquelas cidades em que foram organizadas, ocasionando inundações em períodos chuvosos. Embora se apresente como uma

necessidade para a facilidade nos sistemas de transporte e locomoção, a construção de asfalto, como é feita na maioria das cidades, se estruturam de forma indevida, uma vez que compromete o escoamento de água nos períodos de chuva e a presença de áreas verdes, provocando transtornos no trânsito, na saúde e na habitação da população urbana.

Assim, observando a figura 9, é fácil perceber a falta de estrutura na pavimentação para propiciar escoamento de água a fim de não causar inundações, que geram transtornos sociais, ambientais e econômicos.

**Figura 9:** impermeabilização do solo urbano



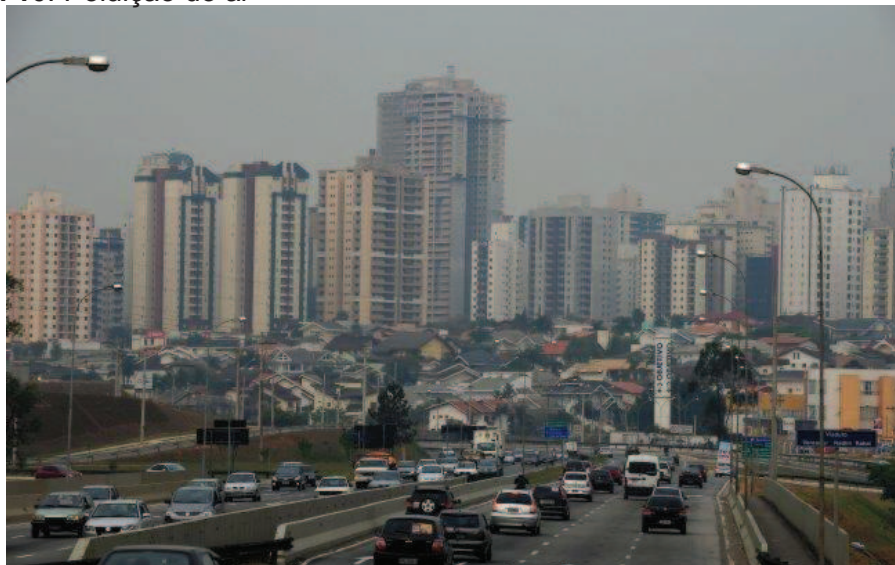
Disponível em: <http://www.apocalipsemotorizado.net/2009/06/21/aqui-jaz-uma-cidade/>

**9.** Intensificação do fenômeno ambiental urbano denominado “ilhas de calor”, resultado, dentre outras causas, da reduzida densidade de áreas verdes; forte concentração de edificações, a presença de alguns materiais caracterizados pela capacidade de reflexão e emissão de radiação térmica utilizados nos asfaltos e superfícies urbanas (asfaltos e telhados), algumas dessas características podem ser observadas na representação ilustrativa da **Figura 9**.

**10.** Diversos tipos de poluição local: do ar, sonora e visual; a poluição do ar é favorecida pela liberação e acúmulo de partículas suspensas e substâncias nocivas ao ser humano, pela queima de combustíveis em automóveis e indústrias especialmente. Essa poluição aumenta o risco à saúde com doenças e infecções

respiratória e ao meio ambiente como um dos maiores vilões do chamado aquecimento global.

**Figura 10:** Poluição do ar



**Disponível em:** <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/poluicao-do-ar-e-a-mais-grave-para-79-dos-paulistanos/n1237777722641.html>

O crescimento da população urbana vem ocorrendo mais fortemente em países subdesenvolvidos e é impulsionado por variados fatores tais como; a concentração fundiária, a modernização do processo produtivo no campo, as migrações, a expansão da escolarização no campo, dentre outras. Santos (2008, p. 134) escreve, em um dos seus estudos sobre urbanização que, “a urbanização crescente é uma fatalidade neste país, ainda que essa urbanização se dê com o aumento do desemprego, do subemprego e do emprego mal pago”.

O crescimento acelerado em algumas cidades não comporta o fluxo de pessoas em seus setores econômicos, muito embora se tenha constatado o crescimento e constante oferta dos mais diversos serviços no setor terciário, reconhecimento do surgimento de uma nova categoria na divisão social e na divisão social do trabalho, não há um ritmo tão acelerado na absorção desta demanda, nem há configuração instantânea na produção do espaço que garanta acolhimento de forma ordenada desses personagens.

Déak e Schiffer (2004) refletem os processos urbanos e às práticas sociais para uma sociedade inteiramente urbanizada afirmando que:

(...) as perspectivas de evolução das eventuais crises, impasses ou dilemas da gestão urbana dependem das perspectivas da evolução dos atuais processos de transformação da sociedade, ora em quase estado de ebulição. Em particular, as aglomerações urbanas terão melhores condições de saneamento, transporte coletivo rápido, abrangente e de boa qualidade, redes adequadas de telefonia e de informações, áreas públicas e de lazer mais generosas e equipadas, serviços públicos acessíveis patrimônio histórico respeitado e conservado e paisagem urbana condizente. (DÉAK E SCHIFFER, 2004, p. 17)

Nisto uma série de características paisagísticas compõem e (re) estruturam os espaços urbanos nas mais diferentes formas e funções. A presença de condomínios fechados, os intensos processos de verticalização, o gerenciamento de áreas com funções específicas para comércio, indústria e de lazer dão ao ambiente das cidades indícios de uma realidade gestada sob influência das desigualdades sociais, da má distribuição de renda, da ausência de histórico de políticas públicas sociais.

### **3. O USO DA MÚSICA COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

#### **3.1. O uso da música por professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho – Alagoa Nova, Paraíba.**

As discussões atuais em torno da Geografia perpassam também pela busca de práticas pedagógicas que favoreçam a relação de vivência do aluno e as abordagens geográficas, em diferentes situações e categorias geográficas, a fim de possibilitar a construção de novas experiências e percepções, identificando e refletindo sua realidade na relação sociedade/natureza/espço, neste sentido contemplando práticas de verdadeiros e efetivos pesquisadores (observação, descrição, registro, representação etc.).

As compreensões geográficas apresentadas pelos PCN's admitem em seus estudos uma investigação afirmando que:

É possível aprender Geografia desde os primeiros ciclos do ensino fundamental, mediante a leitura de autores brasileiros consagrados (Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros autores) cujas obras retratam diferentes paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais, culturais e naturais. Também as produções musicais, a fotografia e até mesmo o cinema são fontes que podem ser utilizadas por professores e alguns para obter informações, comparar, perguntar e inspirar-se para interpretar as paisagens e construir conhecimentos sobre o espaço geográfico. (PCN, 2001, p. 33).

A visitação à Escola Estadual Monsenhor José Borges de Carvalho, na cidade de Alagoa Nova – PB, para fins de aplicação de questionários também se insere como procedimento metodológico da elaboração deste trabalho. A aplicação de questionário foi realizada com o intuito de constatar a presença ou não do recurso música nas aulas de Geografia; como também diagnosticar objetivos, elementos, usos, métodos de utilização, temas mais abordados com o auxílio do elemento música, concepções em torno da contribuição pedagógica entre o que se espera e o que se adquire nos conteúdos geográficos ministrados quando auxiliados por letras de músicas. Outro ponto de análise pretendido pela aquisição



de respostas nos questionários foi o nível de interação realizado pelo professor entre conteúdo e realidade e/ou cotidiano.

**Figura 11:** Escola onde foram aplicados questionários



**Fonte:** Mariana Palmeira

Foram aplicados questionários com cinco (5) professores, que lecionam Geografia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho, na cidade de Alagoa Nova – PB.

Através dos questionários foi constatado que houve maior número de professores que afirmaram utilizar a música em suas práticas de ensino, mas apenas um apontou as músicas por ele já trabalhadas e quatro responderam que não utilizam a música como recurso, entre estes dois professores declinam opiniões sobre o recurso didático em questão.

Como diagnóstico para a questão da importância da música no ensino de Geografia todos os questionados aprovam a música com elemento favorável ao debate de temas geográficos, considerando uma forma de revelar paisagens e dar ideias de temas abordados se utilizando de expressões, linguagem do cotidiano e da curiosidade despertada que possa levar a compreender certos conteúdos. Porém, uma consideração importante foi colocada por um dos professores quando declara: *“É preciso ter um novo olhar de como trabalhar os conteúdos. A utilização da música pode despertar a curiosidade em aprender certos conteúdos. Mas se analisarmos o aprendizado e o interesse dos mesmos, fica visível a total falta de compromisso com a escola”*, revelando então que, a falta de interesse dos alunos

pelo aprendizado é tanto quanto pelo interesse deles pela própria escola e sua função é ignorada e despercebida.

No que se refere à questão dos conteúdos geográficos, vistos pelos professores como possíveis de serem trabalhados a partir de letras de músicas, houve variadas opiniões e sugestões, no entanto os mais apontados foram os relacionados ao meio ambiente e seguida os das relações em sociedade como: economia, população e cultura e com menor referência os temas que envolvem lugar e região.

Para efeito de análise da percepção dos professores em relação à recepção dos alunos ao recurso música na sala de aula, verificou-se que para os professores que afirmaram já ter utilizados letras de músicas em suas aulas de Geografia perceberam interação e satisfação e ainda possibilidade de atividades secundárias de forma prática: *“1- Todos gostam e participam com interpretação da letra, através de teatro, confecção de cartaz.”*; *“interagem muito bem, dispertam e se interessam mais pela disciplina”*; *“3- Diante das experiências já vividas, quase sempre nas séries finais do Ensino Fundamental, há de inicio uma estranheza, pois a maioria dos alunos se surpreende em perceber relação com o conteúdo e música, mas em seguida se envolvem e participam bem”*.

Os professores que responderam não utilizar músicas como recurso para desenvolver conteúdos nas aulas de Geografia, ainda assim opinaram nesta questão, expondo a seguinte informação: *“Acredito que, se for feito um trabalho didático através de jornais, revistas sobre o tema antes da utilização da música este recurso pode ser bem aceito pelos alunos”*. Ao analisar-se essas questões, é possível verificar que os professores expressam preocupação com o debate e discussão do tema a ser estudado por meio de visualizações e representações da realidade para a em seguida serem relacionadas ou discutidas com as músicas, ou seja, este por exemplo destaca a necessidade de estimular o planejamento e a contextualização com a realidade vivida.

Outro professor que não utiliza a música em suas aulas se absteve de opinar, uma vez que, ainda não experimentou a música como recurso didático.

As respostas elaboradas para a questão de uso da música como recurso de ensino voltado a contextualização do ensino de Geografia, abordaram que a música revela aos alunos cenas e cenários do cotidiano em suas estruturas e ações e como resultado adquirem compreensões de temas abordados pela

Geografia vividos e vistos cotidianamente, como nos aponta algumas respostas dadas pelos professores: 1. *“... As músicas falam do cotidiano da sociedade e lugares”*; 2. *“musica também traz mensagem sobre temas a serem estudados, traz exemplos do cotidiano, de coisas que vemos acontecer e que ouvimos falar”*; 3. *“Não só para a Geografia, mas para as demais disciplina ajuda a compreender a dinâmica de toda a história da humanidade e como tudo se forma. Vale salientar que muitas musicas retrata a realidade(cotidiano)”*

Com essa atividade de aplicação de questionários com professores de geografia do ensino básico na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho, foi possível identificar que muito embora as discussões acerca de práticas de ensino, recursos didáticos e habilidades pedagógicas já ocorram, as ações são dificultadas pelas próprias estruturas de organização das escolas, pelas realidades sociais e de aprendizagem dos alunos e pela desmotivação e sobrecarga dos professores que acabam por se limitarem às práticas tradicionais do ensino de Geografia com as aulas expositivas e de memorização de conteúdos e com a básica leitura do livro didático, quando estão disponibilizados. Por isso, experiências de sucesso com recursos didáticos e práticas de ensino devem ser constantemente apresentadas, conhecidas e discutidas por meio de conferências e/ou diversos outros eventos voltados à formação e informação para professores.

### **3.2. Uma proposta didática para uso de músicas no ensino de Geografia**

A proposta metodológica desta pesquisa ressalta a utilização da música no desenvolvimento e reflexão para o ensino básico, do tema que envolve os problemas sociais urbanos, uma vez que, dentre os conceitos que estruturam a ciência geográfica, o estudo da categoria espaço sugere a apreensão das relações histórico-sociais de causas e efeitos que permeiam a ocorrência de tais problemas.

Mediante o desafio de desenvolver uma boa e produtiva aula de Geografia, em termos de apreensão e construção de conhecimento, estudos e pesquisas sobre procedimentos pedagógicos não são incomuns, estão em constantes debates nos diversos cursos de licenciatura e nos de aperfeiçoamento docente, no entanto é importante reafirmar que essas reflexões e experiências estagiárias como

práticas pedagógicas não representam técnicas infalíveis para o processo de conhecimento mediado pelo professor, porém devem ser observadas como contribuições metodológicas, conforme atendam objetivos e conteúdos da prática do professor e no desenvolvimento de atividades nas diversas disciplinas escolares.

Admitindo a música como instrumento que não se limita apenas à execução do som e sim instrumento de valores, cultura, sentimentos e emoções, com ela é possível instigar para o reconhecimento da ciência através do estudo do cotidiano mediante leitura e debate com as letras de músicas populares que fazem parte de um hábito em nossa sociedade e que se insere em nossa cultura não apenas como expressão do lazer e/ou diversão, mas, se estabelece como elemento de manifestos, reivindicações e denúncias, expressões identitárias de culturas locais, como podem nos contar diversos eventos históricos, a exemplo das composições advindas do período de regime político do Brasil vivido nas décadas de 1940-1970, o chamado período de Ditadura Militar, com músicas de protestos e manifestações políticas, nisso estabelecendo novas relações sociais e espaciais que fazem parte dos temas propostos pela Geografia na escola.

A proposta metodológica aqui construída consta de cinco etapas que norteiam o uso da música para a exploração e estudo do tema Problemas sociais urbanos nas aulas de Geografia, com o intuito de tornar interativo esse estudo e superar a mera e simplória execução de um som em sala de aula acompanhada talvez de um relatório oral ou escrito, porém essa proposta não se apresenta como uma receita infalível ou um passo a passo com fixa ordem de execução, a ideia é apenas um meio para instigar o debate e fazer desenvolver, em certa medida, a capacidade crítica; e observar fenômenos e relações socioespaciais em mensagens de músicas, promovendo assim para o aluno um aprofundamento na construção do conhecimento geográfico presentes em seu cotidiano de forma perceptível ou por meio de informações, avançando para além do senso comum. Assim apresentamos cinco passos norteadores apresentados da seguinte maneira:

1. *Leitura inicial* – apresentação escrita da letra da música a ser trabalhada para uma leitura prévia, objetivando o reconhecimento da ideia ou tema central da música;

2. *Seleção de fragmentos* – tendo em vista que o tema e o conteúdo da aula já esteja devidamente apresentado à turma, nesse momento de leitura e reconhecimento haverá indução dos mesmos para que haja seleção de fragmentos e que estes venham a ser representados;
3. *Apresentação e descrição de características* – neste ponto o tema abordado deverá ser descrito e analisado de forma oral compartilhada e por meio de ilustrações para melhor visualização do conteúdo e contextualização com a realidade, se possível com exibição de imagens, permitindo as exemplificações concretas e estimulando a participação da turma para citarem fenômenos percebidos no cotidiano que revelem o conteúdo estudado;
4. *Análise de expressões e conceitos* – como muitas músicas são compostas em realidades culturais diferentes é possível que apareçam expressões ou vocábulos desconhecidos, neste instante o professor pode estimular a pesquisa ou esclarecer aos alunos o significado de termos que sejam selecionados, para melhor compreensão da mensagem transmitida pela música em seu contexto social, econômico, político, histórico e cultural.
5. *Contextualização para Socialização de resultados* – nesta etapa o professor passa a orientar alguma atividade específica, que revele as habilidades dos alunos bem como revele as suas apreensões a cerca do tema e passem a discutir coletivamente em confronto com cenas, fatos e eventos do cotidiano, assim, ao mesmo tempo em que estimula a contextualização é possível propor avaliação.

Ao tomar como exemplo a música *ALAGADOS*, do Grupo musical brasileiro *Os Paralamas do Sucesso*, como propostas para estudo em sala de aula, diversos temas urbanos podem ser explorados mediante essa relação. Seguindo a proposta sugerida parte-se, inicialmente da apresentação da letra de forma escrita para em seguida, numa leitura inicial a ideia central transmitida pela música possa ser facilmente identificada, no entanto é relevante que seja exposto antecipadamente pelo professor o significado de termos como *ALAGADOS*, *PALAFITAS*,

*TRAPICHES*, nisto passa-se a executar, portanto, mais uma das cinco etapas aqui apresentadas como proposta.

**ALAGADOS - Os Paralamas do Sucesso**  
(composição: Herbert Viana/ Bi Ribeiro)

*Todo dia o sol da manhã  
Vem e lhes desafia  
Traz do sonho pro mundo  
Quem já não o queria  
Palafitas, trapiches, farrapos  
Filhos da mesma agonia  
E a cidade que tem braços abertos  
Num cartão postal  
Com os punhos fechados na vida real*

*Lhe nega oportunidades  
Mostra a face dura do mal  
Alagados, Trenchtown, Favela da Maré  
A esperança não vem do mar  
Nem das antenas de TV  
A arte de viver da fé  
Só não se sabe fé em quê  
A arte de viver da fé  
Só não se sabe fé em quê*

Após o momento de leitura inicial a turma deve ser estimulada a destacar na letra da música fragmentos que representem o tema em discussão e auxiliados pela exibição de imagens previamente selecionadas enquanto se executa o áudio da música, em seguida parte-se para a etapa em que se sugere a descrição dos elementos que compõem a paisagem e estimulando assim a menção de realidades conhecidas pelos alunos numa discussão oral.

Ao realizar a exposição sobre os significados das expressões desconhecidas e nesse caso específico estão, por exemplo, os nomes das favelas *ALAGADOS*, *TRENCHTOWN*, *FAVELA DA MARÉ* o professor poderá, neste caso específico usar a ilustração por meio das imagens desses espaços e sugerir ou mesmo complementar informações com pesquisas orientadas na internet nos laboratórios de informática nas escolas em que estiverem disponíveis, para localizar e visualizar as favelas mencionadas na música e as relacionar com as paisagens locais que podem ser diagnosticadas na realidade do aluno.

Ao final dos estudos e análises sobre o tema a música poderá voltar a ser executada como culminância da atividade realizada.

**Figura 12** – Favela Alagados na periferia de Salvador, Bahia.



Disponível em : [http://salacristinageo.blogspot.com/2011/09/geoclipos\\_08.html](http://salacristinageo.blogspot.com/2011/09/geoclipos_08.html)

**Figura 13** – TRENCHTOWN, favela da Jamaica



Fonte: [http://salacristinageo.blogspot.com/2011/09/geoclipos\\_08.html](http://salacristinageo.blogspot.com/2011/09/geoclipos_08.html)

Para auxiliar o estudo de fenômenos sociais de mendicância e de desemprego como problemas sociais urbanos, a música Esmola do grupo musical SKANK é indicada para mediar algumas reflexões, partindo ainda dos pontos sistematizados anteriormente.

Inicialmente, o texto da letra da música deverá ser apresentado aos alunos, uma leitura previa tornará o tema mais familiarizado. Para executar o segundo passo da proposta os alunos podem destacar as expressões que façam referência a temas sociais urbanos e daí evoluindo para as representações concretas do cotidiano expondo exemplos práticos, visualizados no cotidiano.

**Skank (1994).**  
**Esmola**

Uma esmola pelo amor de Deus  
Uma esmola  
Meu! Por caridade  
Uma esmola  
Pr'o ceguinho, pro menino  
Em toda esquina  
Tem gente só pedindo...

Uma esmola pro desempregado  
Uma esmolinha  
Pr'o preto pobre doente  
Uma esmola  
Pr'o que resta do Brasil  
Pr'o mendigo, pro indigente...

Ele que pede, eu que dou  
Ele só pede, o ano é mil  
Novecentos e noventa e tal  
Eu tô cansado de dar esmola

Qualquer lugar que eu passo  
É isso agora...

Uma esmola pelo amor de Deus  
Uma esmola  
Meu! Por caridade  
Uma esmola  
Pr'o ceguinho, pro menino  
Em toda esquina  
Tem gente só pedindo...

Uma esmola pro desempregado  
Uma esmolinha  
Pr'o preto pobre doente  
Uma esmola  
Pr'o que resta do Brasil  
Pr'o mendigo, pro indigente...

Eu tô cansado, meu bom  
De dá esmola

Essa quota miserável da avareza  
Se o país não for prá cada um  
Pode estar certo

Não vai ser prá nenhum...

Não vai não! Não vai não!  
Não vai não! Não vai não!  
Não vai não! Não vai não!  
Não vai não!

No hospital, no restaurante  
No sinal, no Morumbi  
No Mário Filho, no Mineirão...

Menino me vê  
Começa logo a pedir  
Me dá, me dá  
Me dá um dinheiro aí  
Mas menino me vê  
Começa logo a pedir  
Me dá, me dá  
Me dá um dinheiro aí.

Uma esmola pelo amor de Deus  
Uma esmola, meu, por caridade  
Uma esmola  
Pro ceguinho, pro menino  
Em toda esquina  
Tem gente só pedindo...

**Figura 14:** Cenas de mendicância em ambientes urbanos



Disponível em: <http://manchetedahora.blogspot.com.br/2011/10/mendicancia-um-problema-dificil-de.html>



Quando CARLOS, 2004, nos fala: “o espaço entra cada vez mais na troca, a medida em que áreas antes desocupadas entram no circuito da troca ocupadas por novas indústrias como do turismo e do lazer [...] neste processo, a cidade transforma-se no espetáculo do consumo, as ruas redimensionam-se e ganham outro conteúdo que elimina o lúdico pois transformam-se em lugar de passagem”.

Daí, podemos verificar essa realidade no trecho da música *Esmola*, que diz: “*Uma esmola pro ceguinho, pro menino, em toda esquina tem gente só pedindo...*” nisto o espaço perde o valor de identidade, histórico-cultural e mesmo social, especialmente por reproduzir modelos e normas de consumo do tempo e dos espaços. Problemas gerados pela irregular e má distribuição de renda permitem que as estruturas sociais do país permaneçam injustas e marginalizando a massa de sua população, conforme podemos refletir no trecho: “*Eu tô cansado, meu bom de dar esmola, essa quota miserável da avareza. Se o país não for pra cada um, pode estar certo não vai ser prá nenhum...*”.

Áreas como praças e monumentos que retratam a identidade histórica do lugar, são constantemente depredados ou reformados para dar lugar, por exemplo, a áreas de atividades e serviços especializados como comércio e setores de atividades financeiras, assim comprometendo a manutenção ou visualização de características histórico-culturais.

Como espaços de passagem e de ritmo de vida acelerado, as grandes cidades com toda sua contemporaneidade torna-se também locais de desencontro, das relações sociais distantes e ritmos de vida mecânicos, cronometrados pelo abrir e fechar dos sinais de trânsito, fatores que passam a comprometer as condições de saúde da população, o ritmo acelerado compromete as relações de proximidade, descontração e lazer. É o que retrata a música Sinal fechado de Paulinho da Viola, composta em 1969, que apresenta um ritmo de vida da sociedade moderna em busca de desenvolvimento econômico, a vida de negócios ou o rigor necessário do cumprimento de horários. O ritmo de vida acelerado torna-se problema social urbano no momento em que compromete a qualidade de vida da população com o estresse e outros problemas emocionais e desequilíbrios biológicos.

**Sinal fechado  
(Paulinho da Viola - 1969)**

Olá, como vai?  
 Eu vou indo e você, tudo bem ?  
 Tudo bem eu vou indo correndo  
 Pegar meu lugar no futuro, e você ?  
 Tudo bem, eu vou indo em busca  
 De um sono tranquilo, quem sabe ...  
 Quanto tempo... pois é...  
 Quanto tempo...  
 Me perdoe a pressa  
 É a alma dos nossos negócios  
 Oh! Não tem de quê  
 Eu também só ando a cem  
 Quando é que você telefona ?  
 Precisamos nos ver por aí  
 Pra semana, prometo talvez nos vejamos

Quem sabe ?  
 Quanto tempo... pois é... (pois é... quanto tempo...)  
 Tanta coisa que eu tinha a dizer  
 Mas eu sumi na poeira das ruas  
 Eu também tenho algo a dizer  
 Mas me foge a lembrança  
 Por favor, telefone, eu preciso  
 Beber alguma coisa, rapidamente  
 Pra semana  
 O sinal ...  
 Eu espero você  
 Vai abrir...  
 Por favor, não esqueça,  
 Adeus...

Os fluxos constantes de migrantes, a falta de políticas públicas para os jovens e a não qualificação de mão de obra são fatores que aceleram os índices de pessoas desocupadas nas cidades e o aumento de atividades informais como forma de aquisição financeira e a segregação constante de parcela da população agravando os problemas de desemprego, violência e mendicância.

A música *Sampa*, do cantor *Caetano Veloso*, lançada em 1978, se relaciona didaticamente com a Geografia por proporcionar debate de temas como Organização do espaço brasileiro, Paisagem urbana, Desigualdades sócioespaciais no ambiente urbano, dentre outros.

Ao abordar os problemas sociais urbanos percebe-se que o relato inicial do autor é acerca da triste realidade experimentada pelos imigrantes em grande parte nordestinos ao chegarem à cidade de São Paulo em meio a sonhos e expectativas de melhores condições de vida, no entanto sofrendo decepção e enfrentando dura realidade, consequência de ineficiência da absorção dos fluxos demográficos; “*É que quando eu cheguei aqui eu nada entendi da dura poesia concreta de tuas esquinas, da deselegância discreta de tuas meninas...*”. Neste trecho aludindo a problemas como falta de moradia, desemprego, prostituição, a presença de pessoas “nas esquinas” consumindo drogas, prostituindo-se e outras alojadas em praças e viadutos como seus lares é o choque de realidade que faz dizer: “*Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto, chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto. É que Narciso acha feio o que não é espelho e a mente apavora.*”

A decepção de chegar e não encontrar o que sempre viu em seus sonhos de mudança de vida para melhor em primeiro instante apavora, mas, ainda assim há esperança de adaptar-se ao lugar com suas paisagens artificiais, hábitos noturnos e ritmo frenético, pois essa é a realidade do país em busca de desenvolvimento econômico.

Nesta realidade de busca por desenvolvimento a grande cidade compromete seu ambiente e paisagem natural com a construção de seu espaço urbano provocando problemas ambientais urbanos destacando-se aqueles relacionados com o microclima e a redução na densidade de áreas verdes, como supõe o trecho: *“Da feia fumaça, que sobe apagando as estrelas, eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços, tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva”*.

Retrata em certa medida a ressignificação que a população paulistana ganha com a migração de tantos que chegam de vários lugares e se misturam em nacionalidades, regionalidades e culturas, mas que ao mesmo tempo que enriquecem a cultura do lugar são também aqueles que se tornam os escravos contemporâneos formando “novo Kilombo do Zumbi” que se submetem a condições duras e difíceis de trabalho e sobrevivência, como as precárias condições de moradia e as distancias entre essas e as áreas de trabalho, no entanto são esses braços que sustentam a economia, sepultam sonhos mas passeiam na tua garoa. *“Pan Americas de Africas utópicas do mundo do samba, mais possível novo Kilombo do Zumbi, que os baianos passeiam na tua garoa”*.

### Música:Sampa

Caetano Veloso - 1978

Alguma coisa acontece no meu coração  
 Que só quando cruza a Ipiranga e a  
 avenida São João  
 É que quando eu cheguei por aqui eu  
 nada entendi  
 Da dura poesia concreta de tuas esquinas  
 Da deselegância discreta de tuas meninas  
 Ainda não havia para mim Rita Lee  
 A tua mais completa tradução  
 Alguma coisa acontece no meu coração  
 Que só quando cruza a Ipiranga e a  
 avenida São João  
 Quando eu te encarei frente a frente não  
 vi o meu rosto

Chamei de mau gosto o que vi, de mau  
 gosto, mau gosto  
 É que Narciso acha feio o que não é  
 espelho  
 E à mente apavora o que ainda não é  
 mesmo velho  
 Nada do que não era antes quando não  
 somos mutantes  
 E foste um difícil começo  
 Afasto o que não conheço  
 E quem vende outro sonho feliz de cidade  
 Aprende depressa a chamar-te de  
 realidade

Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso  
Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas  
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas  
Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas  
Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços  
Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva  
Pan-Américas de Áfricas utópicas, túmulo do samba  
Mais possível novo quilombo de Zumbi  
E os novos baianos passeiam na tua garoa  
E novos baianos te podem curtir numa boa

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões em torno da Geografia escolar há muito vem influenciando reflexões envolvendo sua importância, suas dificuldades e assim fazendo pensar sobre as práticas pedagógicas.

As discussões e elaboração de estratégias para as práticas de ensino em Geografia surgem com o objetivo de fazer superar a tendência da Geografia Tradicional que sempre indicou a Geografia enquanto disciplina escolar, como descritiva de paisagens naturais e humanizadas. Nisto consiste a importância de fazer o público escolar participar das ações que conduzam aos efetivos resultados da função social da escola e da busca por formação cidadã também pretendida pelo estudo de Geografia.

O desafio é aproximar essas discussões das salas de aula para serem produzidas expectativas de mudanças, para isso é preciso que o professor seja o incentivador e que assim os alunos adquiram pré-requisitos para realizarem a leitura do mundo de forma crítica em busca de transformações. E para isso, este mesmo professor desenvolver isso em suas aulas utilizando-se de métodos e recursos que se tornem instrumentos eficazes no repasse de conteúdos de forma a possibilitar a contextualização do que se estuda com a realidade vivida.

Ao destacar a música como estratégia de leitura do cotidiano, o professor aproxima a realidade vivida e percebida pelo aluno no intuito de compreender, dentre outras coisas, as relações entre sociedade e natureza, espaço e tempo, onde os alunos podem compreender que os problemas enfrentados pela sociedade e sentido mais fortemente pela população urbana na forma de problemas sociais tais como o desemprego, as condições precárias de habitação, saúde, educação, transporte e até mesmo de lazer nos espaços urbanos advêm destas relações.

A investigação da realidade das práticas no ensino de geografia também permite que se construa qualidade no ensino e as estratégias elaboradas são sempre contribuições para superação de dificuldades e interação entre o aluno e a escola, contextualizando conteúdos escolares com o cotidiano, superando então o ensino de geografia nos moldes mnemônico e enfadonho.

## 5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

BARBOSA, Maria Rejane Abreu. **O ensino de Geografia através da música: uma proposta metodológica**. Revista paraibana de Geografia. João Pessoa: UFPB, v. 2, p. 27-40. Agosto, 2000.

BECKER, Berta K. e ENGLER, Claudio R. G. A Economia-Mundo e as Regiões Brasileiras. In: \_\_\_\_\_ **Brasil: uma potencia regional na economia-mundo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRUM, Argemiro. A Crise do Nacional Populismo: 1961-1964. In: **O desenvolvimento econômico brasileiro** *Op cit.* ROCHA, Kátia Fernandes da. **Desenvolvimento socioeconômico do município de Matinhas – PB: uma análise a partir da produção de frutas cítricas**. Monografia do Curso de Licenciatura Plena em Geografia. UEPB/CEDUC/DHG. Campina Grande, Paraíba, 2007.

CARLOS, Ana Fani A.(orgs.). **A Geografia na Sala de Aula**. Ed. Contexto. São Paulo. 1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de ensino em Geografia**. Goiânia: Alternativa, 2002.

DEAK, Csaba e SCHIFFER, Sueli Ramos (Orgs). **O processo de Urbanização no Brasil**. 1 ed. 1 reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KAERCHER, Nestor André; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Um globo em suas mãos**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO (Brasil). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª série)**. Geografia. Brasília- DF, 1998.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda, *et al.* **A música como um recurso alternativos práticas educativas em Geografia: algumas reflexões**. Revista Caminhos de Geografia, n. 8, Uberlândia, 2005.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino de Geografia?** 9º ed. São Paulo: Contexto, 2005.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **Uma breve história da formação do professor de Geografia no Brasil**. Revista Terra Livre, n. 15. São Paulo, 2000.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 5 ed.1 reimp. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes. **A ciência geográfica e a construção do Brasil**. Revista Terra Livre. n. 15, p. 09-20. São Paulo: 2000.

VESENTINI, José Willian. **A formação do professor de Geografia – algumas reflexões**. In:\_\_\_ PONTUSCHKA, N.N; OLIVEIRA, A.U. Geografia em perspectiva. São Paulo: Contexto,2002.

VIANA, Adriane Monteiro. **A música como recurso didático em Geografia – uma abordagem da Geografia do cotidiano**. In:\_\_\_ REGO, N.; SVERTEGARAY, D.; HEDRIC, A. (orgs.) Geografia e Educação: geração de ambiências. Porto Alegre. Ed. Universidade UFRGS, 2000.

VLACH, Vania Rúbia Farias. **Ideologia do nacionalismo patriótico**. In: Para onde vai o ensino de geografia? OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (org). São Paulo: Contexto, 1989.

<http://manchetedahora.blogspot.com.br/2011/10/medicancia-um-problema-dificil-de.html>. - Acessado em 06/11/2013.

[http://salacristinageo.blogspot.com/2011/09/geoclipos\\_08.html](http://salacristinageo.blogspot.com/2011/09/geoclipos_08.html). - Acessado em 06/11/2013.

<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/poluicao-do-ar-e-a-mais-grave-para-79-dos-paulistanos/n1237777722641.html>. - Acessado em 06/11/2013.

<http://www.apocalipsemotorizado.net/2009/06/21/aqui-jaz-uma-cidade/>. - Acessado em 06/11/2013.

<http://www.clicheje.com.br/?open=eJyzL0i3zcsvyUzOTFRLzk%2FJTM%2B3NTYzMzYBAG4CBk%3D&&.htm>. - Acessado em 06/11/2013.

<http://enpresso.com.br/2011/01/para-derrotar-a-pobreza-pague-os-pobres/> - Acessado em 06/11/2013

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG74140-6009-417,00.html> - Acessado em 06/11/2013.

<http://www.mundodanet.com/o-transito-caotico-na-cidade-de-sao-paulo/> - Acessado em 06/11/2013.

<http://www.ivalinogarcia.com.br/ilhas.html> - Acessado em 06/11/2013.



ANEXOS



**Universidade Estadual da Paraíba**  
**Centro de Educação**  
**Departamento de História e Geografia**  
**Curso de Licenciatura Plena em Geografia**

**Questionário para Trabalho de Conclusão de Curso – TCC**

01. Professor, você utiliza ou já utilizou a música como recurso didático nas suas aulas de Geografia?

( ) SIM\*

( ) NÃO

\*Se já utilizou, cite exemplos de músicas:

---

---

---

---

02. Em sua opinião, qual a importância do uso de música na prática pedagógica de Geografia?

03. Quais os conteúdos de Geografia que poderiam ser trabalhados a partir do uso do recurso música?

04. Qual a receptividade dos alunos quando da utilização de músicas nas aulas de Geografia?

05. O uso da música como prática de ensino pode ser um recurso para contextualizar o ensino de Geografia? Por quê?